

Cinema de Arte

Acervo Digital
Walter
da Silveira
promoção
organização
direção
do

Clube de Cinema da Bahia

24 - abril - 1965

"VIVER"

("Ikiru")

FICHA TÉCNICA:

Realização — Akira Kurosawa

Argumento e roteiro — Akira Kurosawa, Shinohu Hashimoto
e Hideo Oguni

Fotografia — Asaichi Nakai

Cenografia — Takashi Matsuyama

Música — Fumio Hayasaka

Interpretação — Takashi Shimura (Kanji Watanabe),
Nobuo Kaneko (o filho), Shinichi Himori
(o clérigo), Miki Odagiri (a mulher do
clérigo), Yunosuku Ito (o escritor)

Produção — Tocho Filmes, 1958

— ● —

Grande prêmio no Festival de Berlim de 1958

Akira Kurosawa tinha quarenta e um anos quando em 1951, ganhou com «**Rashomon**» o Leão de Ouro de Veneza: desde 1943 começara a carreira de diretor e já fizera nove filmes. Se a fama dos festivais pode firmar um cineasta perante o público, êsse prêmio sem dúvida universalizou o seu nome. Mas, universalizou um tanto erradamente. Deu para que se visse nêle um criador de **westerns** asiáticos ou um ressuscitador da idade média japonesa — sempre, assim, um exótico. Na realidade, porém, Kurosawa é um autêntico. Seus filmes históricos procuram a realidade de seu país, tanto quanto os seus filmes modernos.

Ao ver-se «**Ikiru**», compreende-se perfeitamente a posição de Kurosawa: «essa longa e dramática estória de um pequeno funcionário que procura e acha tardiamente um sentido para a sua existência» (Pierre Leprohin, «*Histoire du cinéma*», tomo 2, pg. 306) se passa no Japão hodierno e traz tôda uma análise da sociedade atual. Acreditando que a verdadeira obra de arte tem um finalismo ético, em «**Viver**» como em «**Rashomon**», «**Os sete samurais**», «**Fortaleza escondida**», «**Yojimbo**» e «**Sanjuro**», há uma advertência moral para o conflito que se desencadeia. Como o próprio Kurosawa diz, «um filme, moderno ou histórico, é uma obra que deve provocar conflito». («O filme japonês», Milton Nerlucci e outros, pg. 74). Quer dizer: a visão histórica de Kurosawa é sempre uma visão crítica, jamais uma contemplação do passado.

Talvez haja, portanto, um engano em Penelope Houston («O cinema contemporâneo», pg. 149), quando acentua que em «**Viver**» temos Kurosawa como o realizador que se compromete socialmente com tôdas as suas forças, tomando conta do que poderia ser um tema para Vittorio de Sica. Felizmente, logo acrescenta que ainda uma vez Kurosawa demonstra «essa capacidade japonesa de assimilar os costumes das outras raças e transformá-las em algo de excepcional». Porque a verdade estará com Josepho L. Anderson e Donald Richie («The Japanese film», pg. 187), ao afirmarem «**Ikiru**», «um dos maiores filmes de nosso tempo», «com êle Kurosawa ascendendo ao mais alto humanismo», numa revitalização da técnica cinematográfica.

Tragédia simples, dentro do cotidiano, «**Viver**» pode realmente evidenciar a perfeição formal de Kurosawa, acima de «**Rashomon**», ou «**Os sete samurais**», filmes de uma aparência muito mais elaborada. Entendendo que «para se compreender verdadeiramente o cinema, é preciso ser capaz de escrever um roteiro», Kurosawa pertence ao grupo dos cineastas que só dão seu trabalho como realizado depois que o filme está editado, quer dizer depois que no laboratório pessoalmente corta e coordena os planos e as cenas.

Esse perfeccionismo de linguagem nunca assume, porém, gratuidade: «Todo diretor diz sempre uma mesma coisa em todos os seus filmes; considerando objetivamente os meus filmes, creio ter dito: «Por que os homens não podem ser mais felizes?»

Acervo Digital

Walter
da Silveira

PRÓXIMO PROGRAMA:

1º de maio — «**Os companheiros**», de Monicelli